

A pesca artesanal na praia do Pântano do Sul, Brasil.

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar¹

João B. S. de Aguiar²

Paulo César Simões Lopes³

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

A pesca artesanal é uma atividade econômica que vem sendo desenvolvida na Praia do Pântano do Sul há 5000 anos. A ação desmedida das grandes indústrias pesqueiras vem causando uma diminuição drástica nos estoques pesqueiros do litoral de Santa Catarina, acarretando o declínio da pesca artesanal. Ações diretas devem ser planejadas para evitar que a pesca

Abstract

Artisanal fisheries is an economical activity which has been developed in the locality of Pântano do Sul Beach for the last five thousand years. The strong exploitation from the industrial fisheries companies is responsible for a very significant decreasing in the marine fishing stocks of Santa Catarina State. As a consequence it generates the decline of the artisanal fisheries. Direct actions must be planned to avoid the extinction of the

* Artisanal fishing at the beach of Pântano do Sul, Brazil.

¹ Instituto de Investigaciones Antropologicas de Castilla y León.

² Prof. do Departamento de Ecologia e Zoologia da UFSC.

³ Prof. Departamento de Ecologia e Zoologia; Coordenador do LAMAQ (Laboratório de Mamíferos Aquáticos) - UFSC.

artesanal do Pântano do Sul venha a se extinguir, o que pode acontecer, segundo os pescadores locais, nos próximos dez anos.

artisanal fisheries in the Pântano do Sul Beach, because this can effectively happens in 10 years from now, as the local fishermen say.

Palavras chave: Pesca artesanal, litoral de Santa Catarina, Brasil, estoques pesqueiros.

Keywords: Artisanal fisheries, Santa Catarina State Littoral, Brazil, fishing stocks.

Introdução

A Ilha de Santa Catarina, localizada no litoral sul do Brasil, sob as coordenadas 27°22'49"S e 48°21'05"W, sempre se mostrou um importante ponto pesqueiro para as populações que habitaram o litoral do Estado de Santa Catarina. Suas belas praias distribuídas pelos mais de 500 quilômetros quadrados de área e a vegetação de restinga, a de planície quaternária e a de mata atlântica, associadas a um clima local ameno, acabaram por constituir um chamariz para o estabelecimento das primeiras colônias de pescadores, decorrentes da chegada dos caçadores e coletores ao litoral catarinense.

Estes construtores dos sambaquis viviam nas grandes planícies sedimentares do litoral, junto às lagoas, lagunas e desembocadura dos rios, zonas ricas de peixes, moluscos e crustáceos, os quais, a par da caça e de frutos silvestres, constituíam a sua principal alimentação (ROHR, 1984, p.78-79).

A Ilha é formada por uma costa com praias arenosas de curta e média extensão, intercaladas por formações rochosas, caracterizando um típico litoral de transgressão marinha. As praias são de aspecto diferenciado: mar grosso (área aberta ao oceano) ou manso (área de baía); algumas de areia muito fina e outras de areia grossa, aspectos que conferem à paisagem uma configuração de variada beleza natural.

A comunidade foco deste estudo encontra-se estabelecida na Praia do Pântano do Sul, um balneário localizado na extremidade sul da Ilha de Santa Catarina. Seus limites se dão ao norte com a Praia da Lagoinha do Leste, e ao sul com a Praia da Solidão, seguida esta pela Praia de Naufragados, o

último balneário que encerra este extremo da Ilha. As areias finas da praia do Pântano do Sul, formadas por grãos de quartzo, ao serem varridas pelo constante vento, abrem espaço para uma camada mais inferior, rica em óxido de titânio, colorindo o chão com manchas escuras (ROHR, 1977).

Figura 1
Localização espacial

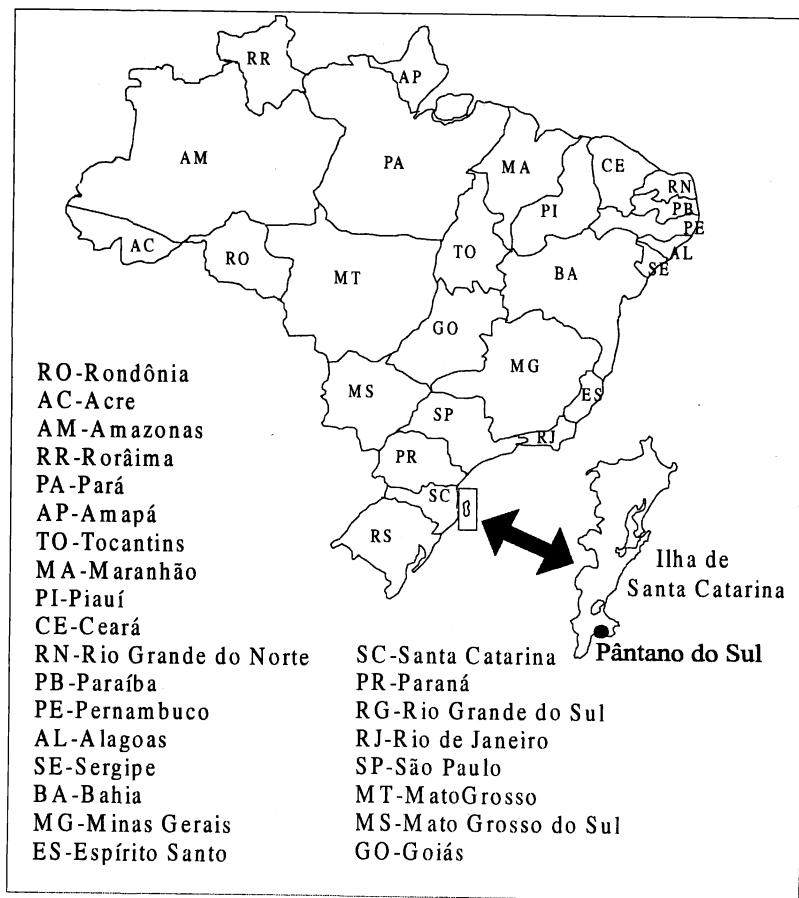


Figura 2
Embarcações de madeira utilizadas na pesca artesanal



O mar, associado a um segundo ambiente aquático próximo, que é a Lagoa do Peri, oferecia, em outros tempos, uma abundante fonte alimentar, que combinava a pesca de componentes ictícos com a coleta de moluscos e a caça de mamíferos, como o quati, a capivara e a jaguatirica.

Para os caçadores e coletores, condições ambientais relativamente uniformes podem ter gerado uma certa homogeneidade cultural, que se estendeu por todo o litoral sul do Brasil:

As culturas litorâneas apresentam uma certa unidade em razão da adaptação a um meio ambiente muito particular e do aparente isolamento em relação às terras interioranas, das quais são separadas por uma barreira montanhosa quase que contínua. Em consequência de uma geologia e de uma ecologia homogêneas, a economia e a tecnologia básicas evidenciam numerosos pontos de convergência, o que não impede que fâcies culturais diversas tenham se desenvolvido no espaço e no tempo (PROUS, 1992, p.199).

Ainda sobre a vegetação nativa do Pântano do Sul, podemos dizer que a mesma apresenta-se razoavelmente devastada, cedendo lugar a loteamentos e residências.

Os primórdios da pesca artesanal no Pântano do Sul

A história da pesca no Pântano do Sul começa há 5.000 anos, com o estabelecimento da primeira colônia humana, uma aldeia de caçadores e coletores. O sítio arqueológico estava localizado na encosta do morro do setor norte da praia, onde instalou-se o antigo cemitério da comunidade atual. O sítio foi escavado e amplamente estudado pelo arqueólogo Rohr, no ano de 1975.

A tecnologia dos primeiros pescadores do Pântano do Sul era composta de instrumentos de pedra e osso. Os artefatos líticos eram obtidos por lascamento e polimento, sendo que os mais impressionantes são aqueles que apresentam esmerada técnica de polimento. Referindo-se ao material lítico do sítio arqueológico do Pântano do Sul, Rohr comenta que:

O material lítico, trazido ao laboratório, pode ser dividido nos seguintes grupos de artefatos: zoólitos, machados, batedores, quebra-coquinhos, pesos de rede, amoladores, matéria corante, moedores de corantes, núcleos, resíduos de lascamento e miscelânea (ROHR, 1977, p.25).

A arte complementava o complexo quadro cultural que configurava esta primeira póvoa humana. Estes primeiros habitantes expressavam-se nos picotes dos sulcos de sua arte rupestre ou no refinado polimento de estatuetas de pedra, em formas antropomorfas e zoomorfas. Os zoólidos, as esculturas de animais feitas em pedra, comprovam o forte papel que a fauna ocupou na vida destes remotos habitantes. A presença da representação de mamífero aquático (boto) entre os zoólitos ilustra a estreita ligação entre estes habitantes e o mar que os cercava.

A complexibilidade das peças chamou a atenção de muitos pesquisadores, e a rara beleza levou os museus a cobiçarem exemplares para suas coleções.

Na escultura animalista, entretanto, a técnica mais simples de polimento não poderia proporcionar os resultados requeridos. A existência de planos diferentes, a diversidade de volumes, as particularidades morfológicas, enfim, tornariam inadequado tal processo. (...) As minúcias anatômicas,

talhadas nessas peças, por outro lado, levam a supor o emprego de instrumentos especiais, como buril e raspadores (FARIA, 1959, p.05).

Figura 3

A arte do pescador-colonial: arte rupestre da Praia do Pântano do Sul, figura antropomórfica



A utilidade do zoólito ainda permanece desconhecida. A depressão em um dos extremos verticais (geralmente na área ventral) que aparece em grande parte dos zoólitos, demonstra que além da conotação estética, havia uma utilidade prática, possivelmente ritual. Em um estudo sobre os zoólitos do Sul do Brasil, o arqueólogo Prous sugere que

A existência de quatro zoólitos em duas sepulturas indica, talvez, que estas peças estão ligadas a indivíduos e não somente a uma coletividade (PROUS, 1972, p.78).

O aproveitamento dos recursos alimentícios pelos primeiros habitantes da Praia do Pântano do Sul ocorreu através da combinação entre pesca, caça e coleta de moluscos:

(...) o primeiro momento do sítio expressa-se por um maior aproveitamento de peixes, mamíferos

marinhos e aves. Foram encontrados ossos de boto calcinados e ossos de baleia decompostos. Os moluscos representaram complementação da dieta alimentar (BASTOS, 1994, p.121).

Os pesos de rede e os anzóis em osso, são a prova incontestável de que a pesca artesanal no Pântano do Sul teve sua origem há, aproximadamente, 5.000 anos, como demonstram as datações obtidas por C 14 (ROHR, 1977). Entre os espécimes pescados pelos caçadores e coletores estavam:

- **arraias** (*Pisces-Chondrichthyes*): cuja cauda apresenta um eficiente esporão, reaproveitado como ponta. Os dentes do esporão eram eliminados por alisamento.
- **Bagres** (*Pisces-Osteichthyes*): os esporões eram, também, reaproveitados para fazer instrumentos.
- **miraguias**, meros, badejos e garoupas (*Pisces-Osteichthyes*): as pontas de nadadeiras eram reaproveitadas, trabalhadas por alisamento. Ossos de outras partes eram também aproveitados na confecção de pontas de projéteis e adornos.
- **Baleias** (*Cetacea-Mysticeti*): constatado pela presença de bulas timpânicas adaptadas para servirem de vasilhas.
- **Botos** (*Cetacea-Odontoceti*): presença de ossos e dentes de boto nos estratos arqueológicos.

Outros ossos de peixes e aves foram trabalhados na confecção de anzóis, muito semelhantes aos atuais anzóis de metal. ROHR acreditava que

O homem do Pântano do Sul foi exímio pescador. Milhares de litros de ossadas de peixes, aí estão, a comprová-lo (ROHR, 1977, p.77).

Novas colônias, mesma economia pesqueira

A arte da pesca certamente continuou sendo praticada após o desaparecimento dos caçadores e coletores, através da ocupação da praia pelos ceramistas Guarani. Infelizmente, o sítio Guarani foi pouco estudado e apresenta-se, atualmente, quase totalmente destruído, oferecendo pouquíssimos dados para recriar os aspectos da pesca neste período.

Com o estabelecimento da primeira aldeia de pescadores, formada por colonos europeus, a tradição da pesca artesanal no local, mesmo após o desaparecimento dos Guarani, permaneceu como fonte indispensável de subsistência destes pescadores de origem européia, os quais constituem o último grupo humano a, efetivamente, se assentar na Praia do Pântano do Sul, e que permanece em atividade até os dias atuais.

Famílias inteiras tiram seus sustentos das redes de confecção manual e dos anzóis, lançados ao mar por pequenas embarcações de madeira. Durante as primeiras décadas do século XX, a pesca continuava sendo abundante, sustentando muitas famílias e oferecendo a oportunidade de um próspero comércio entre o centro de Florianópolis, capital do Estado, e a comunidade pesqueira.

Porém, os anos 90 trouxeram consigo a inversão deste quadro. Conforme foi constatado pelos autores do presente artigo, em longos anos de pesquisa, os espécimes pescados apresentaram na citada década uma drástica redução em sua abundância relativa. O mar, explorado desmedidamente pelas grandes empresas pesqueiras, apresentou um esgotamento dos estoques pesqueiros, principalmente pela captura ilegal de indivíduos menores, utilizados como isca. Mostra-se necessário empregar uma política pesqueira baseada no manejo sustentável, para que uma economia tão antiga e tradicional possa continuar a ser praticada e para que não ocorra o desaparecimento de algumas das espécies do litoral de Santa Catarina.

Os pescadores artesanais vêem-se, agora, como vítimas da falta de “tecnologia cultural” das empresas de grande porte, que investem no material físico, mas julgam a “instrumentação intelectual” desnecessária. Conforme tem sido demonstrado através de inúmeros relatórios publicados pela FAO (Food and Agricultural Organization), os estoques pesqueiros não são inesgotáveis e, a eliminação de espécies marinhas provocará grandes reflexos na sociedade, fenômeno que não se restringe em nível local, mas sim global.

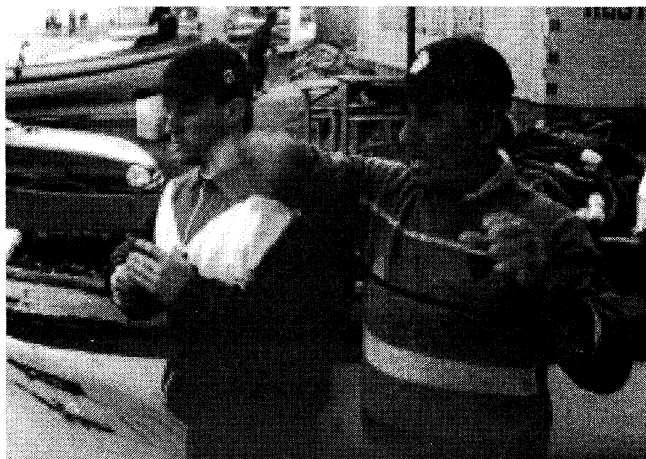
Um estudo antropológico junto a comunidade pesqueira do Pântano do Sul tornou possível levantar alguns dados relativos a diminuição do pescado na pesca artesanal. O espada (Família TRICHIURIDAE), que nos anos 80 chegou a ser pescado em mais de 8 toneladas ao dia, em 1999 apresentou uma captura total de estação de 10 toneladas. É necessário enfatizar que, a palavra “estação” está sendo utilizada aqui, sob a ótica

dos pescadores, levando em conta um determinado período de tempo, durante cada ano, onde uma determinada espécie é pescada.

Os informantes locais acreditam que as traineiras não ofereçam risco à pesca artesanal. Segundo eles, o que estaria arrasando com os estoques pesqueiros é a pesca do atum. Segundo relata Ademir (informante local), os atuneiros chegam a trabalhar a 30 m da enseada, lançando grandes garateias que pegam tudo o que passa pelo seu raio de ação, assim como redes de cerco de malha fina. A isca: a sardinha e a manjuva, é coletada desenfreadamente, desequilibrando toda a cadeia alimentar. Trabalhos desenvolvidos anteriormente na praia do Pântano do Sul comprovaram que “As manjuvas mostraram-se importantes na dieta dos maiores predadores” (FILOMENO & AGUIAR, 1993, p.108). Se esgotada a majuva, seus predadores, automaticamente, sofrerão intenso declínio, o que acarretará, fatalmente, no desaparecimento de espécies no litoral de Santa Catarina.

Figura 4

Relato de um informante



O litoral de Florianópolis é um importante centro de captura para a indústria pesqueira do atum. Aproximadamente 70% da captura executada no litoral catarinense, é feita entre a Praia da Pinheira e a Ilha do Arvoredo. Isso reforça a necessidade de uma intervenção imediata no atual quadro da pesca catarinense.

Considerações finais

A diminuição dos estoques pesqueiros traz a fome para as famílias que vivem da pesca artesanal no Pântano do Sul. Esta realidade, até então desconhecida nos 5.000 anos em que esta economia pesqueira foi empregada, está provocando mudanças na estrutura social da comunidade, levando os jovens, assim como pescadores de meia idade, a abandonar o modo tradicional de vida pela falta de perspectiva em tal atividade. Entre as novas atividades exercidas por estes ex-pescadores, estão a instalação de restaurantes e bares, onde, os donos, antigos proprietários de embarcações, empregam os mais jovens nas funções de garçons e atendentes. Outra atividade profissional comumente exercida por ex-pescadores, é a de pedreiros e ajudantes de pedreiros, na construção civil.

Paradoxalmente, muitos dos turistas que freqüentavam a Praia do Pântano do Sul, eram atraídos pelo aspecto pitoresco que envolve uma comunidade tipicamente calcada na pesca artesanal. Com a diminuição da atividade pesqueira, está ocorrendo uma queda gradual no fluxo desta modalidade de turismo, importante para a manutenção econômica da comunidade fora da temporada de veraneio. Este decréscimo já se reflete na economia destes bares e restaurantes, que lutam com dificuldades para manterem-se abertos. Com a diminuição da oferta de empregos, nestas duas atividades profissionais, ocorrerá um processo de marginalização, relegando estes ex-pescadores às favelas estabelecidas próximas à comunidade, fenômeno este, que já ocorre na praia dos Ingleses.

Mostrou-se, aqui, que a economia baseada na pesca artesanal é praticada no Pântano do Sul há, aproximadamente, 5.000 anos. Esta economia tradicional se vê ameaçada pela pressão econômica exercida pelas grandes companhias, que vem provocando quedas significativas nos estoques pesqueiros, em função da pesca predatória. Tal modo de vida tradicional pode vir a desaparecer até o final da próxima década. O ecossistema marinho no Pântano do Sul, que já vem apresentando sérias alterações, poderá sofrer um processo de extinção local de algumas espécies de importância comercial.

A comprovação da diminuição dos estoques pesqueiros demonstra a necessidade de empregar-se um plano para reestruturação da fauna marinha, visando garantir, também, a sobrevivência da pesca artesanal.

O reequilíbrio dos estoques pesqueiros poderia ser alcançado por duas vias conjuntas. A primeira seria uma fiscalização mais efetiva, por parte dos

órgãos competentes. A segunda via seria a pesquisa para utilização de iscas alternativas, tais como iscas artificiais feitas de materiais não poluentes.

As empresas, comprando iscas artificiais, não gastariam mais do que já gastam para manter seus barcos na captura de iscas vivas, podendo ao longo do tempo, inclusive, reduzir os custos desta etapa da pesca do atum. Por outro lado, as comunidades de pescadores artesanais encontrariam na confecção de iscas artificiais uma forma alternativa de renda.

Atividades de maricultura poderiam representar, também, uma possibilidade de atividade lucrativa para a comunidade, nas épocas de defeso das principais espécies de importância comercial.

Referências bibliográficas

BASTOS, R. L. *A utilização dos recursos naturais pelo homem pré-histórico na Ilha de Santa Catarina*. 1994. 152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Curso de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FARIA, L. C. *A arte animalista dos paleo-ameríndios do litoral do Brasil*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1959.

FILOMENO, M. J. B. & AGUIAR, J. B. S. de. Aspectos preliminares da alimentação em peixes ósseos ocorrentes na praia de Pântano do Sul (27°47'S ; 48°31'W), Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. In: I SEMANA DA PESQUISA DA UFSC, 1, 1993, Florianópolis. *Resumos*. Florianópolis: Departamento de Apoio à Pesquisa, [s.n.], 1993.

PROUS, A. *Os objetos zoomorfos do litoral sul do Brasil e do Uruguai*. Anais do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, n. 5. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1972.

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UnB, 1992.

ROHR, J. A. *O sítio arqueológico do Pântano do Sul*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.

ROHR, J. A. *Sítios arqueológicos de Santa Catarina*. Anais do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, n. 17. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1984.